



## **A educação do campo na construção do território camponês** *Rural education in the construction of peasant territory*

AZEVEDO, Nailson Gabriel<sup>1</sup>; MODESTO, Regiara Croelhas<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Campus Castanhal, E-mail: nailsona008@gmail.com; <sup>2</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Campus Castanhal, E-mail: regiara.modesto@ifpa.edu.br

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Educação em agroecologia**

**Resumo:** A construção do território camponês nasce do confronto com as contradições do modelo de desenvolvimento que estabelece nas relações de poder, modelos hegemônicos. Assim, o objetivo deste estudo foi descrever as práticas camponesas reproduzidas no modo vida do camponês para que venham fundamentar práticas pedagógicas nas escolas do campo. Adotou-se o método qualitativo. O universo da pesquisa foi composto por 3 camponesas de uma comunidade no Pará. As práticas camponesas estão intimamente relacionadas a vida e trabalho das mulheres, conforme as narrativas transcritas no texto. A escuta dessas mulheres possibilitou o (re)conhecimento da comunidade Nossa Senhora de Fátima e a percepção da importância da agricultura para o bem viver das famílias camponesas. Além disso, foi possível perceber que práticas pedagógicas adotadas em sala de aula são fundamentais para a materialização formativa dos saberes, da cultura local e dos sujeitos do campo e na própria construção do território camponês.

**Palavras-chave:** resistência; agroecologia; soberania alimentar; cultura.

#### **Introdução**

Este artigo está voltado para a discussão em torno de entendermos o processo de construção do território camponês e a importância da agricultura familiar na produção de alimentos, em uma comunidade rural no estado do Pará. O tempo verbal “entendermos” [primeira pessoa plural do futuro do subjuntivo de entender] inclui um educando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo no processo de imersão em sua realidade, com aporte em Velho (1978), em função do envolvimento inevitável com o objeto de estudo, para a produção futura de práticas pedagógicas que valorize a identidade dos educandos nas escolas do campo.

A construção do território camponês nasce do confronto com as contradições do modelo de desenvolvimento que estabelece nas relações de poder, modelos hegemônicos como, por exemplo, os impostos pela Revolução Verde, que ocasionaram uma dependência dos agricultores aos pacotes tecnológicos difundidos naquele período, condicionando a permanência dos camponeses na atividade agrícola (Jesus *et al.*, 2013).

Essa construção é feita a partir das lutas sociais e do trabalho de famílias camponesas que permanecem no campo. Nesse sentido, a agricultura camponesa se constitui em um modo de vida e de busca do bem viver que faz o uso sustentável dos recursos naturais.



As tentativas de resistência dos camponeses buscam uma nova concepção de organização social como forma de superar as imposições da subordinação do capital. José Vicente Santos descreve as formas de produção camponesa:

O camponês é personificação da forma de produção simples de mercadorias, na qual o produtor direto detém a propriedade dos meios de produção – (terra, objeto de trabalho e outros meios de trabalho) – e trabalha com estes meios de produção. Esta combinação de elementos faz com que o camponês se apresente no mercado como vendedor dos produtos do seu trabalho, como produtor direto de mercadorias. Como produtor, venderá seus produtos para adquirir outros, qualitativamente diferentes, que possam satisfazer suas necessidades de consumo individual ou produtivo (Santos, 1978, p. 69).

Desse modo, por um lado, é muito importante desenvolver os territórios camponeses pela construção de suas experiências e pela demonstração de que a agricultura camponesa tem relevância significativa para toda a sociedade. De outro lado, é igualmente importante conduzir o trabalho pedagógico, as intenções por trás dele e as relações estabelecidas entre a escola, as famílias e a comunidade que são fundamentais para uma aprendizagem significativa dos estudantes. Assim, este estudo teve por objetivo descrever as práticas camponesas reproduzidas no modo de vida do camponês para que venham fundamentar práticas pedagógicas nas escolas do campo.

## **Metodologia**

O estudo foi realizado durante a disciplina Relações de Trabalho e Sociedade na Amazônia, do curso de Licenciatura em Educação do Campo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Campus Castanhal. Adotou-se a abordagem qualitativa. O universo da pesquisa foi composto por três agricultoras camponesas da comunidade Nossa Senhora de Fátima, município de São Miguel do Guamá, nordeste paraense.

O município está distante cerca de 147 km da capital, Belém, sendo conhecido, regionalmente, como a capital da cerâmica vermelha, tendo na indústria cerâmica sua principal fonte de renda.

O percurso metodológico iniciou pela pesquisa bibliográfica sobre território camponês, educação do campo e agroecologia. Em seguida foi definida a proposta metodológica com a elaboração do roteiro de entrevista. Depois, ocorreu a articulação com a comunidade e, por fim, a aplicação da metodologia.

As diferentes abordagens sobre território camponês contidas neste texto, além da sua fundamentação teórica, baseiam-se na vivência e relato de camponesas que tivemos a oportunidade de dialogar durante as visitas que fizemos à comunidade. As narrativas serão transcritas em itálico e entre aspas para registrar o dito.



## Resultados e Discussão

As práticas camponesas estão intimamente relacionadas a vida e trabalho das mulheres entrevistadas, conforme as narrativas transcritas:

A dona Osmarina Guedes é a entrevistada mais idosa, com 78 anos. *“Eu e meu filho sempre moramos aqui no interior. Eu sempre trabalhei na roça, meus pais sempre trabalharam também. Eu não tive muita oportunidade de estudar. Estudei apenas até a 6<sup>o</sup> ano, porque nesse tempo não tinha toda essa facilidade que existe hoje. Naquele tempo as coisas eram mais difíceis. Comecei a ir pro roçado com meus pais, e desde então não parei mais. Agora já com essa idade que já não trabalho mais, a gente vai ficando mais velha, vai ficando fraca, perdendo a noção de muitas coisas. Mas aqui na comunidade nossa Senhora de Fátima, eu sempre ia pra igreja desde pequena eu frequentava, isso porque meus pais me levavam. Eu me lembro vagarosamente que quando eu era adolescente, eu estudava, ajudava meus pais e ainda ia pra igreja, nossa rotina semanal era essa. Era uma maneira de se juntar e resistir, pra viver. Vivemos da terra. Da lida. Da luta. Aqui na minha comunidade nós mulheres somos muito guerreiras, porque não era fácil nesse tempo e até agora ainda é um pouco difícil as coisas para nós. Mas a agricultura nos sustenta e nós fortalece. A comunidade Nossa Senhora de Fátima também é conhecida como Ramal Boa Vista. Um dos fundadores daqui era meu parente, que Deus tenha a alma dele em um bom lugar. Quero deixar aqui meus agradecimentos as pessoas que fundaram esta comunidade, aqui é um lugar muito bom de viver, eu amo morar aqui. Eu posso dizer que aqui onde eu moro é um paraíso, aqui tem paz, eu vivo da minha aposentadoria, graças a Deus que eu trabalhei muito e pude me aposentar na idade certa. Aposentadoria rural. Eu sou do rural”.*

Dona Socorro, tem 46 anos. Ela é natural de São Miguel do Guamá, camponesa e filha de camponeses. Ela nos conta que a comunidade iniciou há cerca de 45 anos, com apenas 5 famílias, uma delas é a que ela faz parte. *“Os fundadores da comunidade foram o seu Vitor dos Reis Ferreira, Benedito Ferreira Barbosa e Benedito Soares, todos in memoriam. Naquela época, as famílias trabalhavam na agricultura, somente para o seu sustento, tudo que eles plantavam era apenas para o consumo. Não existia energia elétrica no lugar. Com o passar dos anos a comunidade foi crescendo e hoje tem cerca de 100 famílias. Nesse período, a agricultura se modificou e as familiares começaram a comercializar a produção. A agricultura é muito importante e não conseguimos viver sem ela, pois foi com isso que muitos construímos nossas casas e realizamos muitos outros sonhos. Atualmente, produzimos farinha de mandioca, em forno manual, milho, melancia, entre outros (**Figura 1**). Na propriedade só se utiliza adubo natural da casca de mandioca, do esterco das galinhas, das folhas que caem, da roçagem do capim. No mês passado [junho, 2023], aconteceu a 1<sup>o</sup> feira dos produtores rurais com o tema “Encontro de produtores, o Agro Sustentável” na perspectiva de valorizar as coisas do campo, e apresentar para a juventude a importância do campo, porque e que através dos camponeses que podemos manter a vida saudável e ter renda”.* A dona Socorro é mãe do pesquisador.



**Figura 1.** Produção manual de farinha, com torração em forno de cobre.

A segunda camponesa entrevistada se chama Dulcineia do Socorro, 57 anos (**Figura 2**). *“Eu nasci e me criei nesta comunidade, desde que me entendo por gente, meu pais sempre trabalharam na roça, nunca moramos na cidade, sempre no sítio mesmo. Com o passar dos anos eu cresci e comecei a ir pro roçado com meus pais, e desde então, nunca mais parei, até porque é daqui que eu tiro minha fonte de renda. A farinha é de onde tiro mais renda. Faço do mesmo jeito há anos espremida no tipiti. Aqui na nossa Senhora de Fátima, temos um grupo de mulheres, o Clube das mães, criado para ajudar e fortalecer o reconhecimento das mulheres. A fundadora foi Luiza Guedes (in memoriam). Todas as mulheres daqui trabalham na roça, porque aqui a agricultura é bem forte, tanto é que não é apenas homens que trabalham na roça, as mulheres também. Eu amo morar aqui no sítio. Aqui eu planto milho, melancia e mandioca. Outras coisas também. Aqui são 100% natural, mesmo nós não tendo cursos ou formação sobre como plantar. Para finalizar minha fala, quero dizer que eu amo morar aqui, eu não troco meu lugar por nada, aqui é muito bom. Minha terra, meu campo, meu viver, eu amo dizer que sou do campo”.*



**Figura 2.** Produção manual de farinha, com uso de tipiti para espremer e secar a massa de mandioca.



As narrativas expressam os diferentes conceitos de território. Os estudos de Bourdieu (2001), puderam ser observados, quando o autor diz que a sociedade se identifica com a região e com o território em que habita e trabalha por meio de características próprias do território, sejam elas naturais ou humanizadas.

Silva (2008) nos diz que, identificando-se com o território, a sociedade adquire e reconhece esse espaço como parte de sua própria identidade, como elemento integrante de seu modo de vida.

Ainda dentre os diferentes aspectos relatados nas entrevistas, podemos citar Saquet (2007), quando nos diz que o território passa a ser compreendido para além de abrigo, enquanto uma possibilidade de investimentos econômicos feitos por pessoas. Ou seja, o território passa a exercer diferentes funções que perpassam pelas ações econômicas, políticas e culturais, o que de fato ocorreu na comunidade Nossa Senhora de Fátima.

## Conclusões

A apropriação do território camponês está intimamente relacionada às estratégias de produção dos camponeses para sua sobrevivência e de cultura, pautados no modo de vida e trabalho. A escuta dessas mulheres possibilitou o (re)conhecimento da comunidade Nossa Senhora de Fátima e a percepção da importância da agricultura familiar para o bem viver das famílias camponesas. Além disso, pode-se perceber que de fato, as práticas pedagógicas adotadas em sala de aula são fundamentais para a materialização formativa dos saberes, da cultura local e dos sujeitos do campo, e na própria construção do território camponês. Assim, em um trabalho futuro será proposto uma sequência didática para trabalhar o conceito de território camponês na escola da comunidade.

## Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

VELHO, G. **Observando o familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira. A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

JESUS, J. N.; CALAÇA, M.; SILVA, L.G da. O território camponês em construção: utopias e contradições. **Revista Territorial**, Goiás, v.2, n.2, p.211-229, jul./dez. 2013.

SANTOS, J. V. T. dos. **Colonos do Vinho**: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Hucitec, 1978.

SAQUET, M. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.



SILVA, C. N. Cartografia das percepções ambientais-territoriais dos pescadores do estuário amazônico com utilização de instrumentos de geoinformação. **Revista Formação** (Presidente Prudente), 2008, v. 2, p. 118-128.